

CARLOS A. BROCHADO DE ALMEIDA

ASSISTENTE DA FLUP



A «VILLA» ROMANA DO PAÇO  
VILA COVA – BARCELOS

Exposição Arqueológica em Vila Cova  
de 9 a 17 de Julho de 1988

CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS



4(469.12)(083.81)  
M



# A *Villa* Romana do Paço Vila Cova — Barcelos

Por CARLOS A. BROCHADO DE ALMEIDA (\*)

O Paço, microtopónimo do actual lugar de Vila Cova, abrigado pelo cabeço do Outeiro e debruçado sobre as extensas agras onde pontifica o ribeiro de Rodilhões, encerra, nas suas entranhas, muitos fragmentos da história passada da freguesia de Vila Cova. Vestígios que, ao longo dos séculos, se traduziram em pedras arrancadas a muros soterrados, em telhas (tégulas) e tijoleiras, em mós manuais e fustes de graníticas colunas, em cerâmicas de vários tipos e épocas que o imaginário popular ia atribuindo à mourama mas que o sentido prático aconselhava a usar nas casas e muros que entretanto ia construindo. Todos eles são sinaléticos de um passado que fragmentariamente, pela mão do tempo corrosivo, se vão apresentando aos nossos olhos sorvedores de inígnias de outras eras.

Em 1985, no Paço abriam-se os alicerces de uma nova casa de habitação.

Das valas abertas saltaram para o presente vivências do tempo em que os romanos ocuparam esta parcela da gallaecia. Por sua vez, os muros derruidos indicavam o sítio preciso onde, dominadores de antanho haviam erguido a sua senhorial habitação. Era a comprovação oficial de que o Paço tinha sido, em tempos idos, a sede de uma grande exploração agrária, muito possivelmente, de uma *villa* de época romana. Só que, entre os materiais saídos de um adormecimento milenar havia cerâmicas que traduziam uma longa diacronia ocupacional e mais de meio milénio de ocupação.

Para destrinçarmos estes problemas, para viajarmos pelo tempo em que encostas e campinas desta terra começaram a ser sulcadas pelo arado e a produzirem pão, era necessário uma intervenção arqueológica. À ciência entregavam-se os comandos da imaginação.

As escavações começaram (1) e paulatinamente o silêncio telúrico que cobria o passado foi-se desvanecendo.

---

(\*) Assistente da Faculdade de Letras do Porto.

(1) As intervenções até agora realizadas são o fruto de um longo processo onde a boa vontade de uns, o interesse e a disponibilidade de outros se casam per-

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 54950

Barcelos

Restos arquitectónicos e objectos caracterizadores das Culturas de então começaram a responder à imensidão de perguntas e interrogações que ao longo dos tempos tínhamos vindo a acumular. E apesar de o processo estar ainda longe do seu término é já possível, apesar dos hiatos e das zonas de penumbra, traçarmos uma certa radiografia ocupacional bem como confrontarmo-nos com as motivações que estiveram na base de todo o processo. Mas pormenorizemos.

Na primeira metade do século I d. C., isto é, entre os reinados de Augusto e Cláudio (2) uma ou mais famílias indígenas oriundas de um dos castros da região terá descido para o sítio que mais tarde receberá o nome de Paço (3).

O móbil são as boas terras de cultivo que se estendem para sul e poente. O momento é proporcionado pela chegada dos romanos, portadores de mentalidade inovadora no tocante à ocupação e fruição da terra. A descida verifica-se quando a actividade agrícola ganha foros de primazia.

Neste processo entram todos aqueles que, por razões várias, cedo se aperceberam que os ventos sopravam mudanças que se não compadeciam com imobilismos mais ou menos estratificados.

O grupo familiar que aqui se instala afina, sem dúvida, pelo diapasão da mudança, embora arraste consigo, ainda muito do seu passado recente.

O fabricar dos tachos, das panelas, dos potes ou das copas são provas indesmentíveis da sua filiação castreja, tal como é a redondez das suas casas. Mas mais do que os hábitos e os materiais, o que verdadeiramente conta, neste caso, é o sítio escolhido.

Habitados ao aconchego das muralhas, o simples facto de optarem por um local amplo, arejado, aberto e por isso mesmo nada defensável, o simples facto de abandonarem o posicionamento da estrutura tradicional castreja, é prova de que estes indígenas realiticamente se sabem inseridos num processo, que gradualmente levará ao desmantelamento da sua sociedade e de que eles próprios já estavam, no momento, em ruptura.

---

feitamente. Homens e instituições, dando as mãos, tornaram possível o trabalho até agora realizado. Cumpre-nos pois agradecer à Câmara Municipal de Barcelos, ao IPPC, à delegação do FAOJ de Braga, ao Instituto de Arqueologia da FLUP, aos alunos e licenciados da mesma Faculdade e a todos os que com o seu esforço têm contribuído para o bom andamento dos trabalhos. Queremos também aqui expressar publicamente os nossos agradecimentos ao proprietário do terreno, Sr. José Figueiredo Matos Costa, todas as facilidades concedidas. Por último cumpre-me agradecer à Dr.<sup>a</sup> Maria Cláudia Milhazes o seu actual valioso contributo.

(2) A recente recolha de cerâmica castreja feita à mão, poderá fazer recuar este processo para a 2.<sup>a</sup> metade do século I a. C.

(3) Este habitat poderá ser, em função da proximidade geográfica, o do alto de S. Mamede ou o do monte do Sr. dos Aflitos, sito em Palmeira de Faro.

Ignoramos se aqui se construíram mais do que uma habitação, como não sabemos que terrenos e áreas agricultaram. Do que verdadeiramente temos consciência é de que entre a 2.<sup>a</sup> metade do século I d. C. e os primeiros decénios do II, um novo edifício substituirá as construções iniciais.

O seu proprietário, por certo descendente dos primitivos colonos e, muito provavelmente já cidadão romano, é um homem com meios de fortuna. A exploração dos terrenos adjacentes e das agras de Rodilhões enriqueceram-no a pontos de poder erguer habitação mais ampla e digna do seu estatuto social.

A sua profissão de fé nos valores da cultura romana estão bem patentes no modo como constroi a casa, nos materiais que usa, nos objectos que compra. O tempo das cerâmicas micáceas, escuras e deficientemente cozidas, das panelas penduradas sobre o fogo pertence ao passado, mesmo que recente. Agora é o tempo dos potes e panelas colocados sobre as trempes, dos pratos, malgas, copos e bilhas de pastas claras e acabamentos vistosos, das «bracarenses» e das sigillatas, estes produtos de luxo que honram e atestam o poder económico de quem as possui. É o tempo do vinho e do azeite que gradualmente se vulgariza e que protegidos pelas couraças cerâmicas viajam do longínquo mediterrâneo até à mesa dos comensais galaicos.

O conhecimento que temos dos séculos posteriores é fragmentário e lacunar.

O tempo e os homens e em especial estes, encarregaram-se de revolver as entranhas do passado, de amalgamar efemérides e de sepultar ilusões científicas futuras.

Essa necessidade vital que é água levou a rasgar os escombros adormecidos da *villa* e a construir um sólido aqueduto pétreo; o progresso metamorfoseado em cavalos motorizados abriu a estrada que agora avaramente esconde dos nossos olhos prescrutadores, uma significativa fatia do vestuto «*palatium*» romano.

Os anos passaram e as gerações sucederam-se. A história dos seus proprietários acompanhará a euforia e as vicissitudes da Galácia romana

O edifício alto imperial acabará por ser substituído, no baixo império, por um outro que contará nos seus muros com pedras bem aparelhadas e almofadadas e um peristilo suportado por colunas cilíndricas.

Cerâmicas de importação e vidros continuarão a atestar o poderio económico deste *dominus* local. Cerâmicas cinzentas gregas com as suas taças carenadas, as aparentadas às páleo-cristãs e as *vassouradas* são suficientemente esclarecedoras de que o Paço dos finais da ocupação romana (séc. V) se adaptou às novas modas ou serviu de residência a novos senhores que a história apelidará de Suevos e Visigodos.



Fig. 1 — Vista parcial da *villa* escavada em 1988.



Fig. 2 — Cano de água lajeado com placas de xisto.



Fig. 3 — Cerâmica pintada.

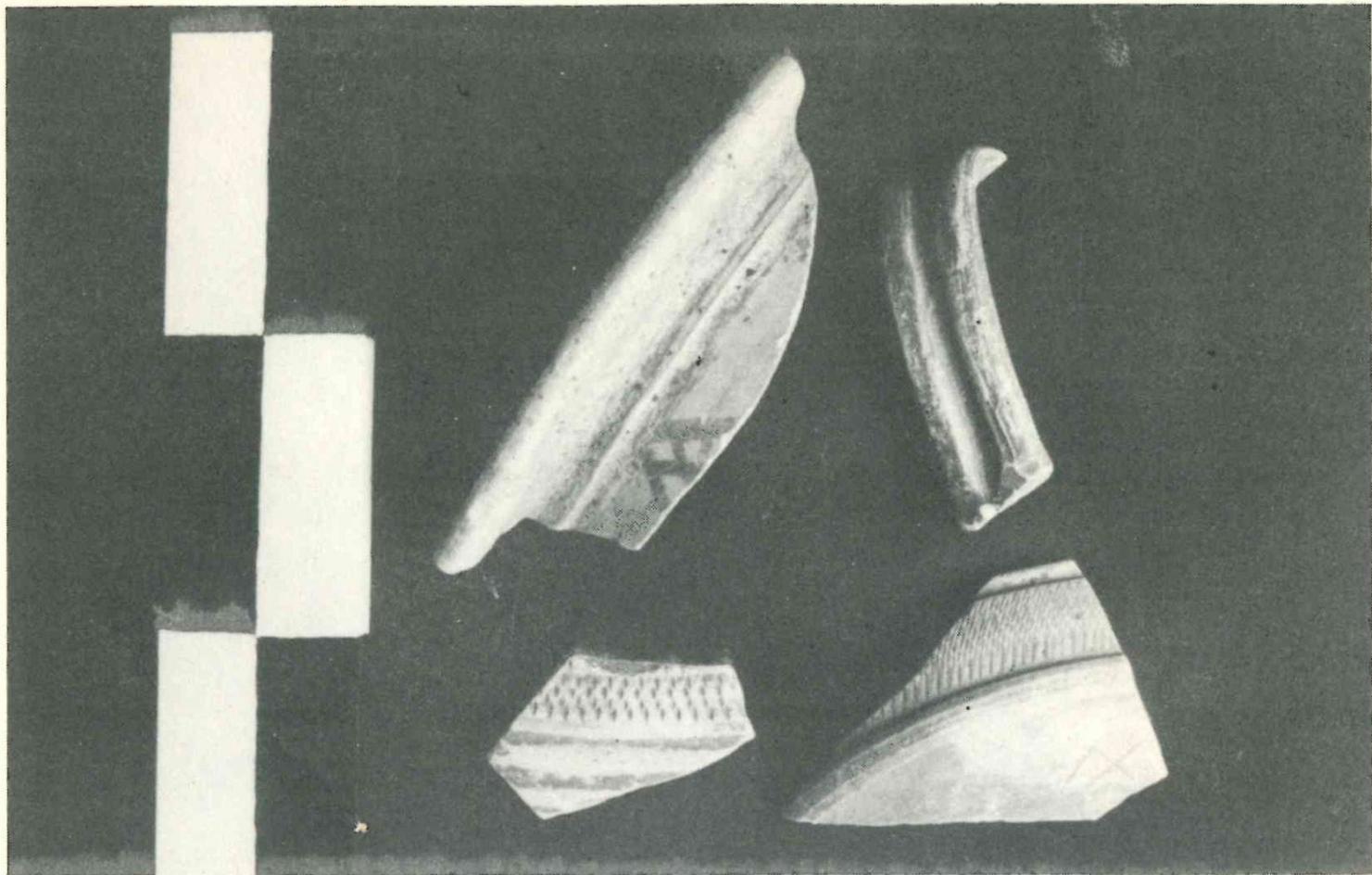


Fig. 4 — Cerâmica pintada e *bracarense*.



Fig. 5 — Vaso castrejo.

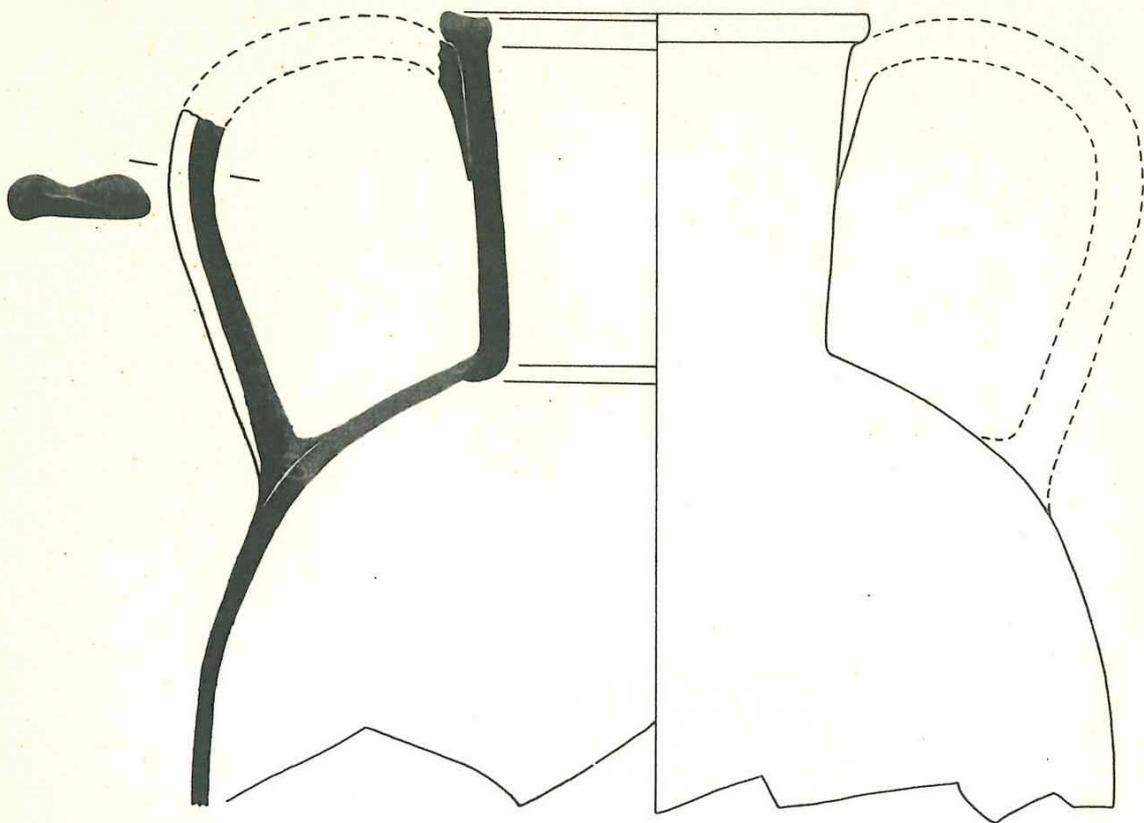


Fig. 6 — Cântaro em cerâmica comum de época romana.

ESCALA 1/2

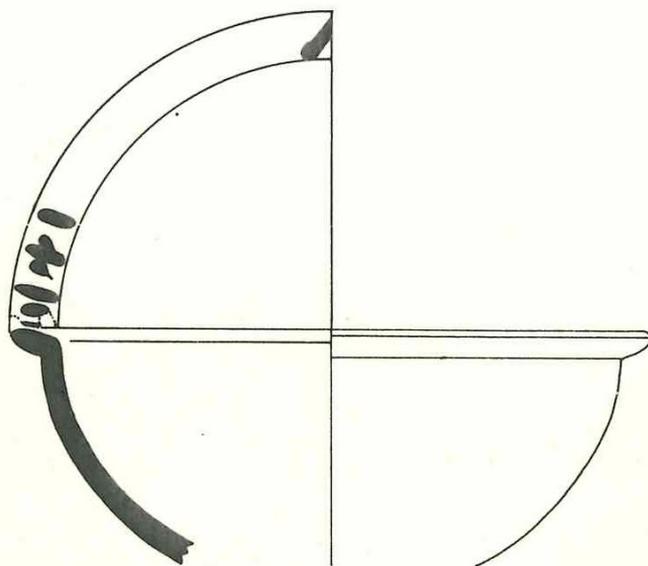


Fig. 7 — Pequena taça com decoração castanho-vermelhada no bordo.

## FICHA TÉCNICA

*Coordenação*

Carlos A. Brochado de Almeida

*Apoio técnico à exposição arqueológica*

Maria Cláudia Carvalho Milhazes

António Joaquim Cunha Leal

João Manuel Antunes

*Fotografia*

Alberto Filipe Monteiro Lopes

*Colaboração*

Biblioteca Pública Municipal de Barcelos

Jornal A Guarita

Campo Trabalho FAOJ — Braga

Jovens O.T.J.

Composto e impresso  
na Companhia Editora do Minho, S.A.  
Barcelos, Julho de 1988



biblioteca  
municipal  
barcelos



54950

A Villa Romana do Paço Vila  
Cova-Barcelos